

Um visitante de Campinas em 1860  
Jornal do Comercio  
21.11.1937

Em 1860 ainda não havia oitenta annos que a cerca de dezoito leguas ao noroeste de São Paulo, existia um logar onde os tropeiros, vindos de Santos, em direcção a Goyaz e Cuyabá, tinham construído ranchos e descansavam as tropas para depois seguirem através de invios sertões, suas muitas vezes perigosas jornadas, narra-vava Emilio Zalmar aos leitores de sua *Peregrinação pela Provincia de S. Paulo*.

As florestas primitivas cobriam, em todas as direcções, um solo realmente privilegiado. As caravanas dos desertos de America não arvoravam como as da Arabia, as tendas no meio dos areas e sim a sombra dos Jequitibás, das perobeiras e das figueiras bravas.

"A pureza do ar e o perfume das flores silvestres faziam do logar verdadeiro oasis". Talvez pela mente de algum tropeiro desconhecido houvesse perpassado, algum dia, a idea de que este logar remoto seria, em pouco mais de meio seculo, verdadeiro emporio de riqueza e civilização. Certo porém era que dos ranchos agglomerados nascera dentro em breve um arraial e do arraial creara-se uma villa, convertera-se esta em cidade agora uma das primeiras da provincia de S. Paulo, e cabeça de um municipio que, em producção agricola, e importancia das fortunas locais só encontrava rival no de Bananal.

Contaram ao nosso viajante que certo Pedroso, perseguido pelo recrutamento, fugira de Itu, d'onde era natural, para se refugiar no meio das matas virgens que então cobriam aquelle territorio. Ficara tão surpreso a lhe reconhecer a fertilidade e a suavidade do clima, que regressando a villa natal, onde fora pouco depois preso, narrara a todos, os prodigios daquelle torrão abençoado. Isto de tal modo influiu no animo dos ituanos que não só elles como gente da Cutia, Barnahyba, Mogymirim e Jundiáhy, já então villas antigas, haviam affluído a povoar os gabados sertões. Fora a povoação erecta em villa sob o nome de S. Carlos em 1797. No logar onde depois se ergueria a cidade havia então pequeno campo de pastagem, de grande auxilio para o pouso das tropas, a que davam o nome de Campinho, toponymio que depois, provavelmente, se mudou para Campinas, mais poe-tico e em analogia com a perspectiva pittoresca do terreno.

Os primeiros povoadores do logar entregaram-se logo ao cultivo da canna. Desses primeiros povoados vindos de tão diversos pontos de capitania alguns delles já relacionados entre si pelo parentesco e a amizade descendiam as grandes familias em cujas mãos estavam agora as mais importantes fortunas e provavelmente os destinos de tão rico municipio.

Por toda a parte as povoações modernas, animadas pelo espirito de progresso e vitalidade das forças juvenis reproduziam constantemente o mesmo facto; enfraqueciam ou annullavam os nucleos antigos. E não se pensasse que tal phenomeno se manifestava sómente no desenvol-vimento material das povoações; pelo contrario tornava-se bem patente na elevação das ideas e na aspiração aperfeiçoamento moral e social.

Se outros pontos não houvessem fornecidos ao nosso observador exemplos irrecusaveis de tal verdade, ali estava o municipio de Campinas para fazer baquear a ultima de suas duvidas.

O progresso geral campineiro accelerava-se com notavel rapidez.

Sobretudo nos ultimos vinte annos, depois que começava a ser ensaiada e a produzir a cultura do café. Até então as culturas locais eram as da canna e dos cereas. Aquelle fertilissimo torrão da provincia de S. Paulo excedera em producção não só a quasi todos os municipios paulistas como ainda a grande numero de outros da provincia do Rio de Janeiro. Seria tal resultado devido simplesmente ás condições do solo uberrimo ao emprego de mais apropriados methodos agricolas, ou tambem, e muito particularmente, ao espirito esclarecido, á iniciativa prompta, ao impulso generoso e livre dos campineiros?

Parecia-lhe que da alliança destas circum-stancias todas resultara o facto que pretendia as-signalar.

Distante dezoito leguas da capital da provin-cia, quasi trinta do porto de Santos, perto de cento e trinta da capital do Imperio, os habi-tantes de Campinas não podiam ainda gozar, com facilidade, de todos as vantagens que a civilização das grandes cidades proporcionava. Em compensação sobravam-lhes os desejos e os meios de em breve conseguirem taes regalias.

Os mais antigos substituíam, pela experien-cia sensata, a illustração que lhes negara a ru-deza dos tempos de antanho. Prezaram a educa-ção não poupando sacrificios para instruirem os filhos. Estes agora constituíam uma das mais brilhantes phalanges da mocidade brasileira! Como prova de tal ahí estavam a independência das ideas politicas dos Campineiros o empenho com que formavam associações literarias e con-feriam ás discussões nestas travadas; o implu-so de seus melhoramentos materiaes; a avides com que ensaiavam os diversos processos de cul-tura do solo recorrendo ás machinas para o aper-feiçoamento da producção agricola. Um povo animado por tão brilhantes e uteis instinctos tinha, ou não, o direito de figurar, desde logo, como um dos nucleos mais esperançosos, não só da provincia como do paiz? No emtanto todas estas esperanças lisonjeiras podiam ser destruidas. Os elementos de grandesa que promettiam tão risonho porvir aos Campineiros dependiam de um auxilio que se lhes fosse negado, faria estacionar o seu desenvolvimento de sua zona e até comprometter-lhe o futuro.

Este auxilio era o da estrada de ferro.

A via ferrea de Santos a Campinas apenas realisada, abria, como por encanto, novos e fecundos mananciaes de riqueza publica e seria, sem duvida alguma a unica garantia de futuro offerecido aos lavradores do oeste de S. Paulo.

A falta de vias de communicações e por consequencia a difficuldade e carestia dos transportes, sobrecarregava de onus tão pesados os povoações desta parte da provincia que não havia interesse capaz de resistir, sem abalo, a tal taxa-ção exaggerada e constante.

A grande lavoura cafeeira deixava enormes prejuizos expressos pelos saldos de exportação.

Em presença dos dados estatisticos ministra-dos por pessoas circumspectas e colhidos de doc-umentos authenticos, a producção do municipio elevava-se a 3.000.000\$ emquanto sua importação apenas chegava a 1.200.000\$, convinha ad-vertir-se que, pelo menos, uma terça parte das fazendas e ferragens importadas eram de novo reimportadas pelos municipios circumvisinhos.

A receita por consequencia excedia, em mais do dobro, a despesa.

Para Campinas a questão do transporte facil era absolutamente vital.

Qual seria portanto sua importancia se ti-vesse communicações faciles com o grande mer-cado do Corte! Era necessario antes de tudo observar-se que ainda estavam os terrenos pro-duzindo com toda a sua vitalidade. O emprego dos processos rotineiros e a crescente e assusta-dora escassez de braços faria com que todos estes elementos de prosperidade tendessem a esta-cionamento.

Um cahiria o esperançoso municipio no estado de decadencia em que já se achavam muitos outros se por ventura se não realisasse com brevidade a construcção desse via ferrea, vehiculo de aproximação entre o productor e o con-sumidor, garantia segura de seus reciprocos interesses.

A cultura do café, a principal do municipio, datava apenas de trinta annos, mas havia apen-as vinte que tomara o maior incremento. Exis-tiam em Campinas cento e oitenta e nove fazendas que se empregavam nesta cultura e ava-liava-se termo medio, a sua exportação acima de setenta mil arrobas.

Além do café, a fabricação do assucar e da aguardente continuavam ainda a ser explorados com grande vantagem.

As vinte fazendas de canna e seus respec-tivos engenhos produziam anualmente sessen-ta mil arrobas de assucar. Não só serviam para o consumo local como se vendiam para outros municipios, e ainda para Minas. O mesmo se dava com os generos alimenticios colhidos em grande abundancia não só pelos pequenos como pelos grandes proprietarios.

Introduzido da cultura cafeeira, em Cam-pinas, fora o fazendeiro Francisco Egidio de Souza Aranha, fallecido havia pouco, e tronco da mais importantes familias do logar.

A sua iniciativa allias compartilhada por seu irmão Pedro Aranha, fóra allias recebida por quasi todos os seus vizinhos com desconfiança e incredulidade.

O incansavel lavrador, longe porém de des-istir, neste empenho aconselhara a muitos fazendeiros que tentassem ensaios desta nova industria agricola. Com tamanho ardor advogou e causa do café que a familia Souza Aranha adoptando a idéa fóra das primeiras que logo colheram esperançosos resultados, não só pela adopção de methodos mais aperfeiçoados, como pela propriedade das terras, que até então se julgavam apenas proprias aos cannavieiros que do a sua natureza era pelo contrario a mais apropriada ao café. Fallecendo deixara opu-lenta casa á viuva D. Maria Luiza de Souza Aranha, agraciada com o titulo de Baroneza de Campinas em 1895 e como de Viscondessa do mesmo nome em 1879, exactamente na epocha do seu fallecimento. Desse casal ficaram seis filhos e cinco filhas, todos largamente afazendados.

Daquella epocha datava evidentemente todo o progresso do municipio. Esta transformação da lavoura abria novas fontes de inesperada riqueza á actividade dos lavradores. Todos, ou quasi todos, que dispunham de terras conveni-entes, entregaram-se ao desenvolvimento dos cafezais que continuavam a produzir e produ-ziriam, ainda longamente, os mais vanta-josos resultados.

O reflexo dos proventos do café eviden-ciava-se no volume das transacções da praça de Campinas.

Importante o commercio comprovado pelos documentos officiaes da Camara Municipal. Havia na cidade sessenta e quatro lojas de fazendas e ferragens, vinte armazens de generos de fóra, e cento e dez tavernas pagando im-postos municipaes.

Além destas casas contavam-se tres fabri-cas de licorea, duas de cerveja, uma de velas de cera, uma de chapeos, tres hotels, dois bilhares, diversas lojas de alfalates, sapateiros, latoeiros, caldeiros, torneiros, merceneiros, selheiros, armadores, quatro padarias, uma fab-rica de charutos, tres relojeiros, tres ourives, tres retratistas em daguerreotypo e um a oleo, tres pintores habéis e uma typographia, e do *Conservador*, folha dedicada aos interesses do partido do seu nome.

Além das casas commerciaes existiam tres es-critorios commissarios de importação em larga escala.

O commercio era pois activo e florescente, porque ali se achava o entreposto de Goyaz, Uberaba, Franca e outras povoações do interior com a da Corte. Asseguraram porém a Zaluar que já fóra muito mais importante a activo. Assim mesmo ainda estavam em Campinas todos os annos, da Franca, quatrocentos a seis-centos carros, trazendo toucinho, algodão, quei-

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP  
CMUHE030783

jos e feijão permutáveis por ferragens e sal em grande quantidade.

A casa da Câmara e a cadeia locais, reunidas em mesmo edificio, apesar de edificadas com segurança, eram acanhadas, para ologar, e construídas com mau gosto e sem as condições convenientes a seu duplo destino.

No entanto a falta de edificio apropriado era bem substituída pela dedicação e actividade dos edis. Não se poupavam esforços e fadigas para proporcionar à cidade todos os melhoramentos materiaes de que carecia não só quanto ao calçamento das ruas e embelezamento das praças, como à edificação de um mercado, em que se trabalhava com empenho, e esperava-se concluir muito brevemente.

Os rendimentos da Câmara Municipal montavam a dezenas de contos de réis annuaes. Havia quatro igrejas em Campinas, as do Rosário, Santa Cruz, Matriz Velha e Matriz nova. As tres primeiras nada tinham de notavel. A matriz nova, porém, segundo as proporções com que estava sendo edificada, e as sommas fabulosas já nella gastas, prometia ser dos primeiros ou talvez o primeiro templo não só do sul como da provincia toda. Reflectia a opulencia da capital cafeeira do oeste paulista.

O plano de sua construção fôra confiado ao habil artista bahiano Victoriano dos Anjos, que fizera da capella-mor, quasi terminada, no que dizia respeito à obra de talha, verdadeiro sonho de artista! Arroubadamente punha o viajante ao architecto nas "galerias da peregrina fama".

"Poucos trabalhos se veriam tão peregrinos executados em madeira. Um poema de flores, arrendados, columnatas, arabescos, grinaldas, florões enlacados, com profusão e symetria, belleza e unidade, traduzindo as idéas de uma alma de poeta, sob as formas mais puras e graciosas e sublimes que se podem reproduzir pelo cinzel do esculptor! O cedro passara do templo da Creação ao da Arte, cantando um psalmo não interrompido de louvor a Deus, primeiro como a expressão da natureza, e depois como um hymno da Humanidade!"

Victoriano dos Anjos já ancião e coberto de cans, vivia no entanto na mais ignorada obscuridade. O facto de seus trabalhos não serem apreciados nem remunerados como deviam selo, explicavam a expressão de profunda tristeza e desgosto que se imprimia na physionomia do infatigavel entalhador bahiano. Surprehendia ver o trabalho concluído por este homem em pouco mais de seis annos! Mas o Brasil ainda não era campo favoravel à Arte. Ninguém devia admirar-se do que succedia em povoação afastada do interior, quando alguns artistas valerosos não se encontravam mais felizes nas grandes capitães.

Na cidade havia dois cemiterios publicos, um catholico e outro protestante, varias confrarias religiosas e seis sacerdotes.

Tratava-se de construir uma casa de misericórdia, para cujo fim existia já uma irmandade com um patrimonio de mais de trinta contos de réis.

O theatro de Campinas, melhor que o de S. Paulo honrava ao bom gosto e à riqueza da população. Era pena não existir ali uma companhia dramatica permanente, util distração para os habitantes, e ponto de reunião agradável para a noite, quasi sempre tão aborrecida para quem vivia em centros retirados.

O clima de Campinas era dos mais amenos e salutaes. Grande parte das estradas e caminhos vicinaes pareciam longas aléas de jardins rescentes de vivissimos perfumes e adornados do matiz de mil e variadas flores.

Visitou Zaluar algumas fazendas, e por toda a parte viu alliados o esplendor da natureza, a seiva e robustez da vegetação e o caracter franco, sincero e liberal dos Campineiros. Se ainda não se haviam edificado moradas de luxo nem appareciam ostentosas riquezas nas habitações campestres, nestes se encontravam a hospitalidade cordial, a franqueza sem pretensões e o agradável conforto da intimidade captivante que tanto penhorava quem visitava os lares pacíficos de um povo, digno do risonho futuro que, sem duvida alguma, lhe reservava a Providencia.

Entre os homens cujo caracter poude Zaluar apreciar mais de perto estava o Commendador Joaquim Egydio de Souza Aranha, futuro Barão (1872) Visconde (1879), Conde (1880) e Marquez de Tres Rios (1821-1893).

Se em Campinas se admittisse a idéa da sujeição a qualquer influencia e tal cavalheiro não fosse o primeiro a alimentar a plena independencia de seus concidadãos, seria elle a verdadeira potencia politica do logar.

Tronco de uma das familias mais poderosas do municipio, ligado pelos laços da amizade aos homens mais importantes da Provincia, dotado de affabilidade sympathica que tanto predominio exercia sobre todos que o conheciam, poderia sem custo exercer uma dictadura que a integridade, o caracter, a pureza das convicções e o bom senso escrupulosamente rejeitavam.

Ao lado deste, outros caracteres não menos nobres, quer de uma quer de outra parcialidade politica mereciam a estima e geral conceito não só dos concidadãos como dos extranhos que tinham a oportunidade de os conhecer.

Entre elles o futuro (em 1862) Barão de Atibaia Joaquim Antonio Arruda, dono de uma das mais importantes propriedades agricolas do municipio. Além do café colhido em grande escala, cultivava o trigo, que produzia com o mais animador e lisongeiro dos resultados.

Visitou Zaluar tambem a fazenda S. Francisco — pertencente ao Commendador Pedro Egydio de Souza Aranha, irmão do Marquez de Tres Rios, pittorescamente collocada à margem do rio Atibaia e tão agradável pela posição topographica quanto productiva.

Ali existiam as mais bonitas lavouras que imaginar se podia. Visinha lhe ficava a fazenda do Tenente Coronel José Egydio de Souza Aranha, irmão igualmente do futuro Marquez, montada com excellente serraria de madeira, graças à qual o dono tirava das soberbas matas que possuia excellentes lucros. Como estes Souza Aranha existiam no municipio grande numero de fazendeiros. Não só constituíam as maiores fortunas do logar como prometiam, com o progresso que iam desenvolvendo, acrescentar em breve o patrimonio da Provincia de São Paulo.

A riqueza cafeeira provocava notavel melhoria das condições culturaes.

A instrução publica assumira desenvolvimento não menos satisfactorio que a lavoura. Existiam em Campinas duas escolas publicas de primeiras letras, uma secundaria, e cinco particulares de instrução primaria, uma de meninas, e dois collegios de instrução secundaria, um de cada sexo; representando um total dos alumnos de todas estas aulas, do sexo masculino duzentos e quarenta, e do feminino cento e vinte.

Além destas casas de ensino a maior parte dos fazendeiros pagava professores para a educação dos filhos e bom numero de jovens campineiros frequentava em S. Paulo as aulas da Faculdade de Direito. No municipio viviam de sesses bachareis em direito, dos quaes apenas seis não eram filhos do logar.

Era tal a vontade que Campinas tinha de instruir-se que já se achavam fundadas na cidade duas associações scientificas — o Recreio Litterario de Leitura Campineira, e o Gabinete de Leitura. Vinham ambos prestando grandes serviços, contando em suas estantes muitas obras de valor.

Estas duas associações haviam sido creadas e eram quasi exclusivamente sustentadas pelos moços de Campinas.

"Honra portanto áquella mocidade que desejava instruir-se e preferiu o commercio dos livros e do estudo ás frivolas distrações que em tantos logares inutilizavam a juventude brasileira!"

A população do municipio, que abrangia sete leguas de largura e oito de extensão, era de 24.000 habitantes, dos quaes mais de metade esvavos, empregados na monocultura do café.

De Campinas irradiavam muitas estradas importantes, que a punham em contacto com os centros mais populosos e as povoações tanto destas como das provincias limitrophes. Eram geralmente mais transitadas estas vias de comunicação do que as da maior parte da provincia do Rio de Janeiro. Isto se devia não ao facto da administração provincial, que pouco se importava com semelhante coisa, affirmava o viajante acremente, mas as condições e, sem duvida, a solidéz do terreno e menor trafego de tropas.

Era o delicioso torrão da provincia de São Paulo fértil em grande copia de arvores frutíferas, não só indígenas como extranhas. Estes pomares todos os annos offereciam aos seus possuidores e visitantes agradaveis passeios que se chamavam ali a "ida às frutas". As familias viajavam então em romaria de umas para outras fazendas, e distrahiam-se com tão salutar pratica, enquanto os homens se entregavam aos exercicios de caça e da pesca.

Nunca em suas viagens pelo Brasil encontrara zonas como ali, além das frutas silvestres produzindo em grande abundancia, como os abacates (?) as deliciosas jaboticabas e muitas outras, os figos, as uvas e morangos, com o mesmo sabor e perfume que os da Europa". Na cidade paulista, felizmente, as lutas politicas não separavam os individuos e fossem qual fossem as parcialidades davam-se todos os campineiros, visitavam-se, conviviam e formavam por assim dizer uma só familia.

Era este um dos titulos que mais recomendavam o caracter do adeantado povo. O theatro da peleja era junto à urna eleitoral; fóra dali todo o campo era de treguas, e os mais encarnicados adversarios abraçavam-se com fraternidade cordial antes e depois do combate.

No entanto os campineiros, respeitadores das leis e das instituições do paiz amavam com entusiasmo a liberdade e podia dizer-se afoutamente que aquelle ponto da provincia era dos mais seguros baluartes do partido progressista.

Pouco depois de haver expendido taes considerações incidia o nosso viajante no mais palmar dos equívocos, ao inculcar aos seus leitores que a refrega chamada de Venda Grande episodio da revolução liberal de 1842 fora mero caso de politica local, grave conflicto de partidarios, todos habitantes da cidade.

"Perto de Campinas se passara tragico episodio politico, no sitio denominado Venda Grande. "Conheci e tive ensejo de relacionar."

me com muitas das pessoas, compartes activas deste desastroso conflicto e testemunhas de todas as peripetias desse drama sanguinario e lutuoso. E' pagina da historia cuja mancha ainda não pode apagar e mão do tempo, para que se torne legivel á luz da "publicidade" (sic.)

As legendas (sic) desse dia funesto corre no emtanto na bocca do povo com toda a magoa de uma tradição fracturada".

"Não serci eu quem levante a cortina que ainda envolve os mysterios dessa lamentavel scena. Deixo a outros mais competentes historiar um facto que não deve no emtanto ficar no esquecimento, pois terá a dupla vantagem de servir de exemplo a uns e de remorso a outros." (sic)

Eis umas tantas linhas e conceitos bem pouco abonadores da valia dos informadores de nosso viajante ou da attenção com que elle annotava o que se lhe communicava.

Declara Zaluar haver vivido dois mezes entre os campineiros, sempre por elles tratado com cordialidade e franqueza. Deram-lhe, constantemente, as provas de um apreço que bem poderia lisongear-lhe o amor proprio, não fosse mais poderoso o desejo que tinha de lhes testemunhar o sentimento da gratidão.

Recebia, pois, tal confissão publica como garantia da esperanza que nutria em sua prosperidade. E dos votos emitidos para a administração provincial, estudando com criterio os interesses vitaes dos municipios do sul, envidava todos os esforços affim de que a linha ferrea projectada até Jundiáhy se prolongasse por mais algumas leguas, incentivando a lavoura, a industria e o commercio daquelle novo e fertil torrão da provincia de S. Paulo, e dos centros com que se communicava. Sem este effizaz auxilio teria apenas lento e demorado desenvolvimento.

No trajecto de S. Paulo a Campinas a unica povoação existente era a villa de Jundiáhy. As duas vezes que por allí passou Zaluar, fel-o com tanta rapidez, declara, que não teve tempo de observá-la minuciosamente; nem de obter as informações necessarias para um trabalho mais desenvolvido. No emtanto podia affirmar que "o seu aspecto geral era circumscripto, triste e sem edificios ou predios importantes". Logo ao sahir da povoação encontrava-se o pouso do Sr. Pinto, o popular *Barão da Ponte*, barão por aclamação dos povos, famoso outr'ora, estalajadeiro portuguez galatão, conhecidissimo dos viajantes. O seu albergue era celebre pela jovialidade do dono e o agasalho ás pessoas que allí pernoitavam ou

descansavam. "Deus o conserve!" Exclamava Zaluar como que enternecido.

Quem não viajara ainda pelos logares retirados do interior brasileiro não concebia o que queria dizer um — bom pouso!

Depois de dez ou doze leguas de jornada, aturando os caprichos da cavalgadura refractaria ao impulso da locomoção, coberto de suor e de poeira, extenuado de cansaço, sentindo dôr em cada articulação, no estomago impertinente vacuo, achar-se como por encanto sentado a uma boa mesa, namorando com a vista uma cama de lençoes bem alvos, era felicidade suprema que o habitante das grandes cidades, o homem que vivia sem viajar, desconhecia inteiramente e por consequencia não podia apreciar. E, além de tudo, nada mais raro do que se encontrar para esses lados de S. Paulo pouso semelhante ao do sempre jovial Barão da Ponte, barão pela graça de Deus e unanime aclamação dos povos, como elle proprio declarava ao explicar a origem do seu agraciamento.

Imaginasse, portanto, o leitor, em logar de tal abrigo confortavel, uma permanencia em mesquinha arribana, refugio de todos os insectos, para os quaes os sabios ainda não haviam encontrado explicação na Natureza; concebesse a circumstancia do pobre viandante ser obrigado a contentar o appetite com os dois invariaveis regalos do feijão mal cozido e do lombo mal frito, isto em presença de uma cama de correias de couro entrançadas, suja, velha, sebenta, com os lençoes da cór da colcha, sob um tecto sem forro e á luz de fumarenta candeia. Só assim poderia comprehender o que era um — bom pouso, como o do galato estalajadeiro.

Tornara-se preciso passar por certas sensações para saber dar-lhe o valor; era por isso que nunca se esqueceria da pousada do Sr. Pinto.

De Campinas fóra Zaluar visitar a colonia do Ibicaba, fundada pelo Senador Vergueiro, passando pela fazenda do Morro Azul, do rico lavrador Silverio Rodrigues Jordão.

A colonia Vergueiro merecia especial estudo que o nosso viajante pretendia escrever opportunamente, tratando, em geral, da colonização em S. Paulo e, particularmente, das colonias allí estabelecidas, algumas das quaes tantos serviços já tinham prestado á lavoura.

Do grandioso estabelecimento do Ibicaba sahíu satisfeito com o espectáculo da actividade, asscio, ordem e contentamento reinante entre seus moradores.

Affonso de E. Taunay